



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS

MATHEUS DE LUCA OLIVEIRA SANTOS TAVARES ARAÚJO

EFICIENTES

Memorial de produção da série de mini-docs sobre atletas paralímpicos de Brasília

BRASÍLIA
2019

MATHEUS DE LUCA OLIVEIRA SANTOS TAVARES ARAÚJO

EFICIENTES

Memorial de produção da série de mini-docs sobre atletas paralímpicos de Brasília

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor Orientador: Luiz Cláudio

BRASÍLIA

2019

MATHEUS DE LUCA OLIVEIRA SANTOS TAVARES ARAÚJO

EFICIENTES

Memorial de produção da série de mini-docs sobre atletas paralímpicos de Brasília

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

BRASÍLIA, 10 DE JUNHO DE 2019

BANCA EXAMINADORA

Professor Luiz Cláudio Ferreira Orientador

Professor (a) Examinador

Professor (a) Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, em primeiro lugar aos meus pais, Márcio Alexandre Tavares de Araújo e Poliana de Oliveira Santos, por terem me dado todo o suporte e apoio, desde minha escolha pelo jornalismo. Vocês são minhas maiores inspirações.

Aos meus avós Vagner, Jeronimo, Margareth e Lucia por terem papel crucial na minha criação e por serem exemplos de conduta e índole. Muito do que sou hoje é por causa de vocês.

Aos meu tios Polyelton e Paloma, e a minha madrastra Viviane, por serem minhas referências acadêmicas. Ver onde vocês chegaram e o que adquiriram por meio do estudo foi um combustível para mim.

Ao professor e mestre Luiz Cláudio Ferreira, por todo o empenho em me ajudar a realizar e por me orientar durante a realização deste trabalho.

Aos colegas de trabalho da RedeTV!, principalmente Ao Luís e a Carol, referências em suas áreas. Pelo olhar crítico e dicas que me foram passadas, além da ajuda na escolha do tema.

Ao grande amigo Paulo Roberto, por ter me apoiado na ideia da realização deste tema, por ter me auxiliado de diversas formas e por ter sido paciente.

Aos amigos de longa data Ranieri, Gabriel, Alves, Moreira, Araújo, Atanam, Gonçalves, Bruno, Igor, João e Davi, por terem me animado nos momentos de cansaço e por terem entendido os momentos de ausência.

RESUMO

Este é o memorial descritivo da série de mini-docs “Eficientes - perfis de paratletas brasilienses”, sobre atletas de alto rendimento que possuem alguma limitação física e são residentes da capital federal. Desde 1960, a Paralimpíada gerou maior visibilidade para atletas com deficiência na categoria no jornalismo esportivo. Mas ainda tratado como exceção na cobertura diária. Esta série de mini-docs visa a contribuir com maior visibilidade e alcance às carreiras desses atletas, que muitas vezes passam despercebidos por nós no dia-a-dia. O material vai ser distribuído para públicos de interesse incluindo a mídia tradicional. A pretensão é de mostrar a esses públicos informações e imagens da rotina de treinos e a história tão pouco conhecida de paratletas que moram na capital do país. O trabalho também pretende sensibilizar patrocinadores e confederações esportivas por mais atenção a essas pessoas.

Palavras-chave: Esporte paralímpico. Brasília. Esporte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 Objetivo	8
1.1 Democratização pelo Esporte	9
2 Dimensões sociais do esporte	11
3 Mídia como fator decisivo na difusão do esporte	13
4 Confluências entre documentário e vídeo-reportagem	15
5 Personagens do documentário	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21
APÊNDICE	22

INTRODUÇÃO

Medalhas e títulos. Esses seriam, por hipótese, os itens necessários para que atletas de alto rendimento recebessem atenção da mídia e, conseqüentemente, do público. Com uma categorial, em especial, isso não parece ocorrer: os paratletas. Estudos na área do jornalismo esportivo lidos durante a produção deste trabalho mostram que o futebol profissional é prioridade nas atenções da mídia. Todos os outros esportes, incluindo atletismo, ficam em segundo plano. Mais ainda periférica é a cobertura midiática de quem tem deficiência física. Esse foi um incômodo inicial para a pesquisa. O esporte pode ser espaço de socialização e transformação na vida de quem tem limitações. Garantida pela Constituição de 1988, capítulo 2 Art. 24. Compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre: “(...) XIV - proteção e integração social das pessoas portadoras de deficiência., é dever do Estado integrar essas pessoas à cidadania como qualquer outro brasileiro” (BRASIL, 1988). Quem são esses atletas na capital do país? Como chegaram aonde estão hoje? Quais são suas histórias?

São essas perguntas que formam o esqueleto da série de mini-docs, que utiliza de elementos audiovisuais para ajudar o jornalista a cumprir sua principal função: contar histórias. A proposta de realizar mini-documentários teve a finalidade de tratar individualmente histórias a fim de proporcionar atenção singular nas narrativas. Essa histórias devem ser a principal força para que seu objetivo principal seja concluído, que é fazer com que pessoas deem atenção devida a essas histórias, além de transmitir a emoção. O objetivo deste trabalho é transmitir, com sensibilidade e humanidade, a história de vida inspiradora, marcante, e vitoriosa dessas pessoas.

Dentro desse contexto, podemos observar o papel fundamental do esporte como principal catalisador de mudança de vida para essas pessoas. Como algo que, aos olhos comuns parece tão simples, pode influenciar tanto a vida de alguns e mudar o rumo de seus destinos? Após a realização dessa série de mini-docs, ficou evidente para mim que o esporte foi, e pode ser, a forma mais democrática de inserção social para pessoas que possuem algum tipo de deficiência física. Seria essa uma missão no jornalismo, conforme acreditei durante o curso.

A mídia tem o dever de informar, apresentar e justificar os fatos a quem quer que esteja consumindo aquele conteúdo. No entanto, podemos observar também que

a mídia serve como plataforma de integração, divulgação e, posteriormente, geração de lucro por meio da visibilidade e publicidade. O esporte é o maior exemplo disso. Podemos confirmar essa ideia anterior observando os contratos de publicidade assinados por craques de futebol como Neymar e Cristiano Ronaldo, que baseiam grande parte de suas rendas mensais não só em seus salários, mas também em contratos com grandes marcas, por meio da publicidade. Ou seja, se a mídia esportiva aponta seus holofotes para algo, existem chances de aquilo se transformar em uma fonte geradora de renda por patrocínios e peças publicitárias. Em contraponto, podemos observar também, por meio da série de mini-docs, que esses holofotes não estão apontados para o esporte paralímpico brasileiro. Resolvi apontá-los então com meu olhar de formando em jornalismo.

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma série de mini-documentários intitulado “Eficientes - Um Perfil dos Paratletas Brasileiros”, onde os paratletas de algumas modalidades do esporte paralímpico contam um pouco de suas histórias, carreira e escolhas de vida.

1 Objetivo

O objetivo deste memorial é apresentar o processo de produção de uma série de mini-docs, nos quais se têm como meta dar visibilidade a superação e a história individual de paratletas brasileiros, em especial os que são residentes da capital federal. Além disso, mostrar também que mesmo com menor atenção midiática e apoio governamental escasso, essas pessoas decidiram procurar por forças para continuar vivendo e lutando para alcançar seus objetivos.

Uma vez que a cobertura midiática na área esportiva privilegia de forma maciça o futebol, a série de mini-docs visa sair do lugar comum e tentar preencher esse espaço, abordando a questão do esporte paralímpico brasileiro, e se aprofundar na história e na carreira dessas pessoas, buscando mostrar como esses paratletas conseguiram transformar suas deficiências em eficiência esportiva.

Um outro objetivo do produto deste Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar o paratleta ao público geral, que em muitas das vezes não o conhece. Acabando, desta forma, com preconceitos e definições que os paratletas em razão de suas deficiências. Mostrar também que, com apoio de outras vertentes, o esporte brasileiro só tem a ganhar ao investir nas categorias paralímpicas, que já se destacam, mesmo com pouco prestígio e recurso.

Conforme estudamos, o jornalismo moderno tem como uma de suas principais características a agilidade e a rapidez na apuração, produção e realização de matérias. Além disso, é de extrema importância que o jornalista use sempre a criatividade para conseguir prender a atenção de quem recebe a informação, passando o conteúdo de forma clara e verdadeira. Apesar desses fundamentos, foi mais pertinente produzir o produto deste trabalho de conclusão de curso em forma de mini-docs, fugindo apenas das narrativas do tempo presente e factual, para que as histórias fossem contadas de forma mais aprofundada.

Os documentários, mesmo em sua forma reduzida, apresentam possibilidades diferentes de apresentar detalhes e aprofundamentos. Isso pode colocar a audiência com mais instrumentos para se informar e se mobilizar.

A decisão por uma série de mini-docs se deu por conta do desejo de querer aprofundar, mesmo que minimamente, a carreira e a história de cada um dos paratletas entrevistados para o projeto, de forma individual. Além disso, era necessário apresentar detalhes que só seriam possíveis em um formato com duração um pouco maior, com o auxílio de imagens produzidas e pensadas previamente.

[...] No documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. São elas o elemento essencial do documentário e que se sobrepõem ao que possa ser dito. (PENAFRIA, 1999. p.23).

Neste memorial, apresento discussões e reflexões para a produção deste material, incluindo temas como o jornalismo esportivo, o papel social do esporte e as diferenças entre os gêneros reportagem e documentário. Ainda destaco informações sobre produção e roteiro.

1.1 Democratização pelo Esporte

Além de ser fonte de lazer e entretenimento, o esporte atua, também, como engrenagem para a formação das sociedades. A cultura esportiva, no dia-a-dia do Brasil dos veículos tradicionais, se inicia nos noticiários da manhã e se estende no restante do dia. Na web, esse tempo virou infinito, em que pese a ideia de que a divulgação de conteúdos também leva em conta horários de maior audiência e de repercussão. O esporte se faz presente em sua totalidade e em praticamente todas as sociedades, como apresenta Valter Bracht (2003), sendo hoje “uma das práticas sociais que reúne a unanimidade quanto à sua legitimidade social”.

O esporte “moderno” desenvolve-se a partir do século XVIII em estreita relação com o desenvolvimento da sociedade capitalista inglesa. Essa por sua vez, desenvolve-se enquanto forma específica do que mais genericamente denomina-se sociedade moderna. (BRACHT, 2003, p. 98).

A primeira vez que uma pessoa com algum tipo de deficiência competiu em um evento esportivo aconteceu no final da década de 1960, quando, pelo ideal do neurologista Sir Ludwing Guttmann, foi construído e inaugurado na Inglaterra, em 1969, o Estádio de Stoke Mandeville. Específico para provas esportivas para

deficientes. O objetivo era motivar e diminuir, através do esporte, o tédio da vida monótona do deficiente. A ideia acabou estimulando no mundo inteiro a organização de jogos para deficientes, mostrando que eles também podem praticar atividades esportivas. Segundo Manoel Tubino (2001), “a utilização do esporte como meio de democratização será sempre uma consequência da amplitude da prática esportiva”.

A democratização pelo esporte implicará sempre numa prática esportiva livre, onde a liberdade estará sempre implícita. Esta é uma das razões mais efetivas para que o esporte não seja considerado um fim em si mesmo, mas que possa permanentemente servir de meio indiscutível de formação e libertação dos seus praticantes. Nesta perspectiva, o reconhecimento do esporte como um direito de todos foi um passo importantíssimo para a percepção das possibilidades do fenômeno esportivo como meio de democratização (TUBINO, 2001, p. 26).

No entanto, mesmo inseridos na sociedade por meio do esporte, os atletas com deficiência ainda convivem com o preconceito, sendo, na prática, marginalizados diante dos padrões e referenciais dos atletas sem deficiência, segundo Brandt (2008). Para ele, a sociedade não foi feita para aceitar o que foge de uma padronização compreensível e aceitável entre atletas.

(...) O esporte adaptado foi idealizado pela motivação da inclusão social, conseguindo algumas leis que dão direitos aos deficientes físicos. No entanto também, constata-se uma imensa dificuldade da sociedade para efetivar suas proposições, verificando a necessidade de uma constante revisão de suas práticas inclusivas, que em alguns casos o efeito é contrário, excluindo e discriminando. (BRANDT, 2008, p. 5).

Brandt acredita que o deficiente ainda é visto pela sociedade de uma maneira parecida com os idosos, tratados como seres de outro mundo, que não podem ser contrariados. O especialista afirma que a forma como tratamos as pessoas com algum tipo de deficiência é errado, visto que elas não precisam de pena, de compaixão, e sim de condições para viver dignamente, pois são pessoas como todas as outras.

2 Dimensões sociais do esporte

Para Tubino (2001), sociólogo pesquisador do tema, entende que existem três fatores sociais compõem a perspectiva do direito à prática esportiva para todos, os quais ele chama de dimensões do esporte:

- 1) o esporte-educação;
- 2) o esporte-participação ou popular;
- 3) o esporte-performance ou de rendimento.

Segundo Tubino, as competições escolares, que deveriam buscar valores meramente educativos, têm reproduzido os eventos de alto nível, com direitos a medalhas e troféus. “A educação, que tem um fim eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, tem que exigir do chamado esporte-educação um conteúdo fundamentalmente educativo” (TUBINO, 2001, p. 35).

Reconhecido por Tubino como a dimensão social do esporte mais condizente com os princípios democráticos, o esporte-participação difere-se do esporte-performance pelo lado lúdico, voltado para o bem estar social dos praticantes, tendo como propósito principal a descontração e a integração social.

“O esporte-participação como a própria denominação sugere, ao promover a participação e ao obter sucesso neste seu objeto principal, pode-se afirmar, equilibra o quadro de desigualdades de oportunidades esportivas encontrado na dimensão do esporte-performance”. (TUBINO, 2001, p. 39).

Na contramão do esporte-participação, o esporte de rendimento não pode ser considerado uma dimensão voltada os preceitos democráticos, onde basicamente só os mais talentosos são tidos como capazes de alcançar o sucesso, segundo Tubino (2001). Bracht (2003) lembra que, com a busca por melhores resultados, vem a rivalidade entre nações. Ele cita o uso de doping, prática de dosagem de substância química utilizada pelos atletas para fazer frente às exigências de sempre almejar maiores rendimentos.

Para Tubino (2001), uma dos principais pontos negativos das dimensões sociais do esporte é a reprodução compulsória do esporte-performance na educação,

que ganha cada vez mais mídia devido aos meios de comunicação de massa, principalmente da televisão.

“Prosseguindo na argumentação de que o esporte na escola pode ser um dos meios mais efetivos de formação dos jovens, a prática esportiva como educação social será indispensável no desenvolvimento de suas personalidades e imponderável nos seus processos de emancipação” (TUBINO, 2001, p. 36).

Na opinião do autor, o apelo leva os dirigentes educacionais a desconhecer a magnitude da utilização pedagógica do esporte como meio de educação. Apesar de contrários, é notório o destoamento do esporte-performance e do esporte-educação pelas exacerbações dos talentos em detrimento dos outros estudantes e até os vícios do esporte de alto rendimento no convívio escolar. Em sua concepção, este processo está intimamente ligado à construção de grandes feitos dos heróis esportivos. Esses são capazes de feitos não explicáveis, mas sim, admiráveis.

Toda a preocupação com as dimensões sociais do esporte acaba sendo diretamente ligadas às pessoas com deficiência. Brandt (2008) afirma que elas são tão competitivas quanto atletas tidos como normais, ou até mais, por querer mostrar toda a própria superação do resultado e da deficiência física. No momento que essas pessoas competem, as diferenças desaparecem. Segundo o especialista, no momento da prática, todos os atletas têm a mesma deficiência. Dessa forma, eles se enfrentam sem desvantagens.

3 Mídia como fator decisivo na difusão do esporte

Com a influência da mídia sobre a prática social esportiva, o esporte de rendimento ganhou um maior número de adeptos ou aficionados, aponta Tubino (2001). Difundido principalmente pela televisão e movido por interesses comerciais, alguns esportes passaram a ter maior visibilidade, tendo provocado maior incidência da prática em determinadas modalidades, como o futebol e vôlei. Em contrapartida, aqueles que não sensibilizam a mídia, acabam sendo excluídos dos noticiários esportivos diários.

O maior problema para a divulgação dos esportes mais excluídos da grande mídia é dado pelo próprio meio em si. Segundo Coelho (2003), “o mercado do jornalismo esportivo só permite a criação de profissionais da área de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis” (COELHO 2003, p. 37).

Para se trabalhar com os esportes de menor divulgação na mídia, Coelho (2003) afirma que é preciso uma maior especialização, pois o próprio envolvimento com o atleta exige isso. Segundo o autor, quando são tratados os esportes olímpicos, de pouca divulgação no Brasil, o profissional tem que saber esperar pela hora certa de o trabalho aparecer.

“Os atletas carecem de divulgação e muitas vezes ajudam aos que chegam aos ginásios com a finalidade de aprimorar-se. Em pouco tempo, o repórter ganha respeitabilidade, menos pelo conhecimento técnico de que dispõe e mais pelo reconhecimento dos atletas pelo fato de ele estar lá, disposto a aperfeiçoar-se” (COELHO, 2003, p. 49).

Na obra de Osandón (2008), o velejador brasileiro Lars Graef aponta que “Ao divulgar o esporte paraolímpico e mostrar os direitos da pessoa com deficiência, além de exaltar os feitos que um deficiente produziu na sociedade como qualquer ambiente ou setor produtivo profissional, os ganhos são muito grandes” (OSANDÓN, 2008, p. 177).

O papel de inclusão das pessoas com deficiência também é destacado na obra de Osandón (2008) pelo jornalista Fernando Vanucci, que participou da cobertura dos Jogos Paralímpicos de Atenas, em 2004. Para ele, mostrar a história, a luta e a vontade de um atleta são fatores determinantes para que sejam inseridos na sociedade.

Acreditando que os jornalistas possam ser mobilizados pela pressão dos movimentos sociais, Traquina (2005) defende que o jornalismo exerça um serviço em

favor dos interesses coletivos. Segundo ele, a notícia é formada a partir de um campo de negociação com diversas fontes e interesses distintos, afirmando que “o poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais.” Desta forma, a afirmação do reconhecimento de suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também dos donos das empresas jornalísticas, não se dará reduzindo as notícias a uma simples mercadoria.

Enquanto a grande mídia não se ater às causas sociais, uma grande parte das pessoas com deficiência ainda sofrerá com o preconceito às margens da sociedade. É preciso que o jornalista se envolva mais com o chamado jornalismo cívico, como afirma o Gomes da Silva (2012), que pede menos notícias sobre a intimidade das celebridades do momento e sobre curiosidades banais em saúde e beleza.

4 Confluências entre documentário e vídeo-reportagem

Durante o curso de jornalismo, aprendemos técnicas específicas de produção que envolvem gêneros e narrativas voltados para a informação. Por isso, na hora de se fazer o documentário quem estuda ou pesquisa essa área pode trazer elementos da narrativa noticiosa para o documentário. Antes de mais nada, estabelecer aproximações e distanciamentos pode ser salutar tanto para a produção como a análise desses tipos de produtos, que têm estreita familiaridade. Nesse sentido, é comum haver confusão a respeito da produção de documentário ou vídeo-reportagem. E não à toa isso ocorre, visto que ambos procuram aprofundar causas e consequências de determinado tema. Segundo Oliveira, Carmo-Roldão e Bazi (2011), autores do artigo Documentário e vídeo-reportagem: uma contribuição ao ensino de telejornalismo, as diferenças são encontradas em três aspectos: abordagem, formato e produção.

Segundo os autores, tanto um, quanto o outro modelo, contam início, meio e fim. Enquanto que na vídeo-reportagem a abordagem tem o conteúdo estabelecido por algum assunto recorrente na mídia, previamente estipulado por uma pauta, o documentário tem um perfil autoral e não factual. Normalmente, o documentário tem uma temática mais polêmica ou de assuntos com importância cultural e social. Para Turner (1997), a importância da produção audiovisual para causas sociais “parte de um argumento sobre a representação – processo social de fazer com que imagens, sons, signos, signifiquem algo – no cinema e na televisão.” (TURNER, 1997, p. 48)

Por apresentar um perfil mais jornalístico, a vídeo-reportagem procura informar o telespectador, enquanto o documentário tenta trazer uma profundidade reflexiva. Uma vez que a vídeo-reportagem prega a imparcialidade do assunto tratado, o documentário se diferencia pela linha parcial de produção.

“O documentarista busca ouvir a opinião de várias pessoas sobre determinado acontecimento ou personalidade, seja para confirmar uma tese, seja para confrontar opiniões. No entanto, apesar de apresentar um emaranhado de vozes, que muitas vezes se opõem e se contradizem, uma voz tende a predominar: aquela que traz em si o ponto de vista do autor” (MELO; GOMES; MORAIS, 2002, p. 6).

O formato de uma vídeo-reportagem costuma levar à estrutura padrão de uma reportagem em televisão com narrativas tradicionais incluindo off's (textos), sonoras (entrevistas) e passagem (apresentação do repórter). Sem um segmento padronizado,

o documentário dispõe de mais liberdade produtiva, mas também pode conter narração em off, tais como alguns documentários do canal de televisão à cabo National Geographic Channel. “(...) no documentário há uma busca pelo aprofundamento do assunto e a forma de fazê-lo depende de sua roteirização.” (OLIVEIRA, CARMO-ROLIDÃO, BAZI, 2011, p. 16). Tal aprofundamento permite que o documentário tenha mais tempo de duração, ao contrário do vídeo-reportagem, que depende do espaço determinado pela grade do canal de televisão que será veiculado, lembram os autores. Para Melo, Gomes e Moraes (2001), isso explica o motivo do baixo número de documentários televisionados.

Pautadas prioritariamente pelo ritmo frenético da produção jornalística e do hard news, as TVs comerciais se tornam cúmplices da falta de produção e exibição de documentários. Desta forma, o documentário, gênero jornalístico mais atemporal e que requer uma pesquisa mais aprofundada e detalhada do tema a ser abordado, acaba não sendo visto tão comumente nos canais de TV aberta.

O processo de produção entre os dois gêneros audiovisuais se distingue pela forma de montagem. Para Oliveira, Carmo-Rolidão e Bazi (2011), enquanto o vídeo-reportagem é construído mediante apurações, o documentário segue um roteiro, composto por três itens: pré-produção, produção e pós-produção. Na pré-produção são planejadas e desenvolvidas as pesquisas para a composição do produto. É nessa etapa que são feitas as apurações acerca do assunto abordado, dados bibliográficos e feitos os contatos com os entrevistados. Todo o planejamento é feito já na etapa de produção, onde são gravados os depoimentos. Já no processo de vídeo-reportagem são estipuladas as pautas. É importante esclarecer que, no vídeo-reportagem, uma entrevista com uma fonte pode render novas ideias para o aperfeiçoamento do produto. Sendo assim, o roteiro precisa de todas as pautas para a conclusão. “Uma pauta bem feita prevê volume de informação necessário para a garantia de eventuais quedas de pauta e ainda matérias que poderão ser aproveitadas posteriormente” (LAGE, 2001, p. 37). Ainda segundo Oliveira, Carmo-Rolidão e Bazi (2011), no documentário, a gravação tem mais liberdade na escolha da movimentação durante a filmagem. Uma fonte costuma aparecer mais de uma vez nas filmagens, podendo estar em outro plano. No vídeo-reportagem, a filmagem não sofre essa alteração.

O processo de maior semelhança entre o documentário e o vídeo-reportagem aparece na pós-produção. Com o roteiro elaborado, tem-se o trabalho de decupagem de todas as filmagens. É nesse processo que são selecionadas as melhores imagens

para a junção das cenas. A única diferença fica por conta da inserção dos efeitos gráficos. Enquanto no documentário a sistemática de edição ocorre mais livremente, no vídeo-reportagem, pela contextualização da informação, a dinâmica da computação gráfica deve ser usada com moderação, alertam os autores.

5 Personagens do documentário

As gravações da série de mini documentários Eficientes começaram no dia 19 de março de 2019, no Centro de Treinamento de Tiro com Arco, ao lado do Clube do Exército, em uma terça-feira, às 06h. A primeira personagem foi Thaís Silva e Carvalho, atleta paralímpica do Tiro com Arco, e integrante da seleção brasileira paralímpica. A atleta nos convidou a acompanhar todo o treino, e concedeu a entrevista no intervalo. O local escolhido para a gravação foi o próprio centro de treinamento, para ilustrar melhor o ambiente em que esses os atletas treinam. Durante cerca de 40 minutos, Thaís contou sua história de vida, sobre como e por qual motivo amputou sua perna, e sobre seus sonhos. Após a realização da entrevista, aproveitamos o tempo de treino da atleta para realizarmos diversas imagens para cobrir a parte visual do mini-doc. Foram feitas imagens com foco e desfoque do arco, das flechas e dos tiros.

Dois dias após a primeira entrevista, no dia 21 de março de 2019, quinta-feira, nos encontramos com Ariosvaldo Fernandes, o Parré. A entrevista aconteceu no CETEFE (Centro de Treinamento de Educação Física Especial). Seguindo o roteiro da primeira entrevista, para manter uma identidade para a série de mini-documentários, buscamos seguir a mesma linha de pensamento, perguntas e ritmo da primeira entrevista. Parré nos contou também sobre a infância, sobre como adquiriu sua deficiência. Além disso, relatou como o esporte é importante para os deficientes, sobretudo como o esporte o fez crescer socialmente. Assim como no primeiro dia de gravação, utilizamos o tempo que tivemos após a entrevista para a produção de imagens. Desta vez, utilizamos também um drone.

5.1 Diário de bordo

Após dois dias de gravações, cerca de duas horas de entrevista, e aproximadamente três horas de imagem de corte, Chegou o momento da montagem dos mini documentários. Primeiramente, realizei toda a decupagem das entrevistas, para que ficasse mais fácil de selecionar as melhores falas dos personagens. Foram cinco dias, no total, olhando todas as gravações e separando detalhadamente quais as melhores falas dos personagens e o que mais interessava colocar dentro do

documentário. Por conta do número grande de material, essa etapa demandou tempo e cuidado.

Com todas as entrevistas decupadas, o passo seguinte seria escolher a ordem das falas. Assim começamos a construção do roteiro. A ideia a ser seguida, como um modelo, para os dois mini-docs era apresentar os dois atletas, de forma separada. Assim, cada um tem seu devido destaque. A partir da construção dos tópicos, houve certa facilidade para encaixar os tópicos e tudo foi fluindo com mais facilidade.

O orientador aconselhou a utilização de imagens “silenciosas”, pois elas conversam e sensibilizam o público. A partir dessa ideia, construímos diversas sequências em que essa ideia foi utilizada. A mesclagem de imagens foi utilizada durante toda a produção dos mini-docs, para que houvesse a ideia de transição de temas.

É válido lembrar que todo o material utilizado durante as gravações contou com o apoio incondicional do amigo Paulo Roberto, que trabalha na área audiovisual. Todo o processo de edição, produção e pós produção do documentário ocorreu fora da ilha de edição do curso de comunicação. O fato ocorreu pela flexibilidade de horários que meios alternativos ofereciam. Então escolhi a opção de produzir a edição por um colega que trabalha nesta área. Acompanhei junto com o editor todo o processo, ajudando com ideias e alterando pequenos detalhes que foram necessários no decorrer da produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de um filme documentário requer planejamento e cuidado. Um primeiro olhar pode estar relacionado a temáticas que impulsionem reflexão do público. Essa foi a defesa de trazer questões de paratletas, que são atletas com pouca visibilidade, a não ser que estejamos em ano de realização de grande evento esportivo da categoria.

Um segundo olhar é técnico, que envolve produção e a efetiva filmagem. Pesquisadores estudados para este trabalho indicam que a ação com a câmera deve ser posterior a compreender exatamente o que se quer da história. No capítulo 4 deste memorial, por exemplo, tratamos de questões como a importância da imagem produzida para que haja a sensibilização do telespectador.

O mini-doc foi uma alternativa para que pudesse recompor com a maior fidelidade cada uma das histórias e sem a estrita necessidade de completariedade entre as narrativas. Esse equívoco de saída foi uma lição para a produção dos filmes. A alternativa se revelou relevante inclusive para que o projeto ganhasse sustentabilidade e para que eu possa continuar na produção desses filmes mesmo depois da apresentação deste trabalho de conclusão.

Filmes sobre mais de uma pessoa ou sobre um atleta somente são possíveis, a depender do objetivo. Uma outra possibilidade de pesquisa é revelar como a imprensa tem dado atenção a essas pessoas, isso no campo científico e até documental também. Por conta da necessidade de filmar, não foi possível entregar um estudo sobre isso.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Ijuí, Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2003

BRANDT, Ricardo. A psicologia do esporte aplicada a atletas portadores de necessidades especiais: reflexões epistemológicas, filosóficas e práticas. Buenos Aires. Revista Digital n. 121, jun. 2008. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/ANDRADE_ALEXANDRO.pdf

COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo esportivo. São Paulo: Contexto, 2003

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

MELO, Cristina Teixeira V. de, GOMES, Isaltina Mello e MORAIS, Wilma. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação – Campo Grande/MS – setembro 2001.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva, CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso do, BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. Documentário e video-reportagem: uma contribuição ao ensino de telejornalismo. 9o fórum nacional de professores de jornalismo p. 11-19, 2006. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/dados/grupos/documentario-e-video-reportagem-uma-contribuicao-ao-ensino-de-telejornalismo%5B75%5D.pdf>>

OSANDÓN, Patrícia. Guerreiros Paraolímpicos: Vida e Magia. Brasília: Thesaurus, 2008

PENAFRIA, Manuela. Filme documentário - História identidade tecnologia, 1999.

SILVA, Ricardo Duarte Gomes da. O papel social do jornalismo cívico e a interação midiática entre o jornalista e as minorias sociais. Viçosa, Minas Gerais: Revista de Ciências Humanas v. 12, n. 1, p. 52-65, jan./jun. 2012

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. V.1, 2a Ed. Florianópolis, Santa Catarina: Insular, 2005, p. 224

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Cortez, 2001

TURNER, Graeme. Cinema como prática social. São Paulo: Summus, 1997

APÊNDICE

Roteiro de “A armadura de Parré”

0:27 - Cartela preta “Eficientes”

Take PG aéreo, Take ariosvaldo na cadeira

0:39 Eu sou o Ariosvaldo Fernandes da Silva, sou atleta paralímpico dos 100 e 200 metros, minha deficiência é poliomielite e moro em Brasília. Cobrir com imagem da mão no chão

0:50 eu vim pra Brasília pra fazer um tratamento. eu peguei paralisia infantil no nordeste tinha 1 ano e 6 meses, e aí meus pais né, não conheciam essa deficiência direito, aí vim pra Brasília pra fazer tratamento no sara, que era referência que tinha Som ambiente mesclado com trilha

Imagens da entrevista mescladas com imagens da pista de treino

01:07 Eu nasci em Campina grande, na Paraíba. Vim pra cá com 2 anos e meio de idade, me estabeleci aqui com a minha família e tô aqui até hoje. Imagens da entrevista mescladas com imagens dele treinando

01:16 Cartela (fundo preto e fonte branca) A armadura de Parré

01:24 Quando eu sento ali, parece que meu corpo, é.... vira uma coisa só, uma coisa única. Então, alí eu tô com minha armadura, tô pronto pra luta, tô pronto pra tudo. Quando eu olho alí naquela reta alí é foco total, então, tem que pensar que é imbatível, que tem que ganhar mesmo, esse é um sentimento que tá comigo o tempo todo. Tanto no treino simples, a gente tem que ter esse foco o tempo todo. Não pode, mesmo no treino aqui, não pode perder o foco e pensar que é uma brincadeira, a pegada aqui é muito profissional.

01:59 Já tenho 20 anos que eu faço essa modalidade. Já participei de 3 panamericanos, já participei de 2 mundiais, campeonato brasileiro e regional, praticamente hoje eu sou o campeão brasileiro, então eu ganhei todos os títulos

brasileiros que tem no brasil hoje das minhas provas, dos 100 aos 800 metros. Sou atual campeão e recordista dessas provas. E assim eu tenho 8 medalhas de panamericana, tipo, ganhei guadalajara, ganhei rio 2007, ganhei medalha no... toronto de prata, ganhei medalha de bronze no mundial, foi em lyon 2013. E todos os títulos brasileiros são meu, esse ano já vamos abrir o calendário aí, mês que vem participo do Open nacional, que também sou campeão do Open brasileiro.

Cobrir com imagens da entrevista mescladas com imagens das medalhas

02:46 Sempre lutar velho, a lição é essa. Confesso pra você que todos esses títulos eu não conseguiria chegar e ganhar. Foi muita derrota. Mas não desisti não, mano. Fui trabalhar, fui apurar minha técnica, e hoje tenho os títulos que eu tenho.

03:08 Em termos de material humano, eu acho que a gente não perde pra país nenhum. Isso a gente tem, acho que isso é a coisa mais importante. Conheço toda a seleção brasileira paralímpica na parte do atletismo, em outras modalidades, a galera é uma pegada muito boa. Mas eu acho que o que eu vejo que é de vital importância hoje em dia, acho que é visibilidade. A gente tem que ser mais visto. Porque com isso, as outras coisas vem. Quando você tem visibilidade de mídia, automaticamente, patrocínio de grandes marcas vem. E eu acho que no que falta no Brasil, esse é um dos pontos que a gente tá deixando muito a desejar. No dia que a gente for bem mais visto, a gente vai conseguir mais apoio com certeza.

03:49 Tenho como grande herói da minha vida o meu pai. Vejo ele assim como um dos grandes ícones da minha vida. Porque independente da minha deficiência ele, nunca, com toda a dificuldade que ele teve, ele nunca deixou de me apoiar em tudo que eu faço. Meu pai pra mim é de vital importância pra tudo isso que aconteceu na minha vida.

04:17 Hoje eu falo que, hoje, eu tiro isso, uma energia muito grande da minha família, cara. Sou um cara casado, tenho dois filhos, e é daí que eu tiro essa energia. É com isso aqui que eu cuido deles, é com isso aqui que eu dou um bem-estar pra minha família. E assim, comecei a correr pra mostrar pro meu pai, pra sociedade, que eu era capaz, de fazer uma coisa legal, mesmo com a minha deficiência eu era capaz de

vencer, de ser reconhecido como campeão, e graças a Deus isso aconteceu. Sou conhecido no Brasil todo, até fora do Brasil as pessoas respeitam o trabalho... Eu acho que a grande energia que eu tiro é isso, cara. Que eu sei que aqui eu consigo cuidar dos meus filhos, consigo ter uma qualidade de vida legal, acho que é daí que eu tiro essa energia, essa força.

05:08 O esporte mudou minha vida completamente, hoje a pessoa que eu sou, o reconhecimento que eu tenho, tudo que eu tenho, veio do esporte paraolímpico e do atletismo em cadeira de rodas. Então é uma ferramenta transformadora, não só pro atleta paralímpico, pro atleta olímpico, pro cidadão. Hoje em dia acho que escola e esporte formam qualquer cidadão, pro bem.

05:44 Independente de qualquer coisa, independente da sua deficiência, o conselho que eu deixo é você trabalhar sério, é trabalhar focado, dar um conselho pra vocês, fácil não é, fazer esporte paraolímpico não é, mas, acho que assim como aconteceu comigo, pode acontecer com outras pessoas. Mas, tem muito foco, tem muito vontade no que fazer, gostar do que faz, e é isso. Nunca desistir, nem por uma dificuldade que você vai encontrar no seu esporte, nem pelas dificuldades que você vai encontrar pela sua deficiência, que a gente sabe, agente que é cadeirante sabe que a dificuldade é muito grande hoje em dia... arregaçar as mangas e lutar, cara. Sucesso vem, com certeza.

Cobrir com PG aéreo

06:36 Em cartela branca e letras pretas:

A armadura de Parré

Direção e roteiro - Matheus De Luca

Captação e Edição: Paulo Roberto Mendes

Logo - UniCEUB

Roteiro de “O alvo de Thaís”

0:40 Cartela preta “Eficientes”

0:45 Meu nome é Thaís Silva e Carvalho, eu sou amputada da perna direita, sou paratleta do tiro com arco e moro em Brasília

0:53 A minha perna era fraturada. Eu fracturei aos três anos de idade e fiquei com meu osso quebrado até os meus 22. Conhecer o esporte paralímpico a gente conhece de passar na TV, apesar de passar bem pouco, eu acho. Mas, você via, e quando teve o Parapan no Rio e tudo mais. Então, eu assistia, mas eu nunca me vi no lugar daqueles atletas. E eu queria me exercitar de alguma forma. Desde pequena fui muito ativa na escola e tudo mais. Mas tem uma diferença quando você tem uma deficiência. Então, as pessoas tem duas tendências: Ou você vira café com leite, ou elas facilitam para você. E aí você não quer nenhuma das duas. Eu sempre fui muito competitiva. Gostava de jogar de igual pra igual, só que é complicado quando isso não vem das duas partes. E aí eu acabei optando muito por esportes individuais na escola, onde eu não necessariamente comprometia uma equipe

2:00 Eu acho que a gente precisa talvez mudar um pouco a visão das pessoas quanto ao esporte paralímpico mesmo, principalmente naquele quesito com relação a ser um esporte de alto rendimento, que as pessoas vejam que é uma competição séria. O esporte paralímpico ele tem um diferencial. Se a pessoa for assistir, eu garanto que ela vai curtir por n fatores, não é só o esporte em si. Existe um diferencial que, muitas vezes, você não vê no esporte olímpico. E eu acho que isso é algo muito legal do esporte paralímpico, você não se envolve só pelos resultados, mas você se envolve com os atletas que estão participando e com a força de vontade deles ali naquele momento. Quem foi assistir uma paraolimpíada viu sim esporte de qualidade, e viu mais que isso. Viu pessoas mostrando que o impossível não é tão impossível assim. **3:00** Cartela (fundo preto e fonte branca) O alvo de Thaís

3:08 Em 2012 a minha perna, além de quebrada, entortava com o tempo. Então eu precisava fazer cirurgia para alinhar. Colocar uma haste ou algo do tipo. Então em 2012 eu precisei fazer esse tipo de cirurgia, e a gente colocou uma haste na minha tibia pra durar cerca de 10 anos e a gente não precisar ficar fazendo cirurgia atrás de cirurgia. E aí eu voltei a tirar em 2013, e em 2013 eu participei do meu primeiro campeonato internacional, essa foi a minha primeira competição de força

internacional, foi bem legal a experiência. Foi a primeira vez que eu vi tantos atletas paralímpicos no mesmo lugar.

3:48 Em 2013 meu pai teve câncer, então eu perdi meu papai em 2013 também.

Retornei em 2014 e disse: “agora vai, né?”. Só que aí em 2014 aquele pino que eu tinha colocado lá em 2012, que era pra durar 10 anos quebrou na minha perna enquanto eu tava andando. Só que aí, dessa vez, eu pedi pra tirar o pino e pedi pra tirar a perna também. Foram muitos processos cirúrgicos e tudo mais, e aí eu optei pela amputação. Aí depois eu falei pra minha família, claro que eles não reagiram tão bem, mas, depois a família apoiou. E eu acho que todo mundo percebeu, eu inclusive, que foi a melhor coisa que eu podia ter feito com relação a isso.

4:31 Eu sou da linha que acredita que superação é para qualquer pessoa, independente de deficiência. Superação é pegar aquela parte mais difícil da vida, que tá te incomodando, tentar dar a volta por cima, melhorar e seguir em frente.

4:49 Meus maiores apoiadores são minha família, meu papai já morreu mas, no meu coração, ele continua sendo um apoiador incondicional. Minha mãe, minha irmã, meu namorado, todos eles me dão todo o suporte que eu preciso. Amigos entendem a questão de que o tempo é corrido, você tem que treinar e muitas vezes isso compromete o tempo com aquelas pessoas que você ama

5:12 O tiro com arco, no geral, é uma competição de silêncio. Mas o público brasileiro é envolvente. Então você ter toda uma platéia, que já tem essa característica, e fora isso eles já estão descaradamente torcendo por você, é muito legal, bem bacana. Eu acho que foi uma das experiências mais legais que eu passei no tiro com arco porque eles te empurram, isso é bem bacana.

5:37 Você representa, não é a Thaís que está lá, é o Brasil como um todo. A gente até fala que subir no pódio, sobe você, sobe seus pais que te apoiam, sobem os amigos, uma nação inteira. Naquela hora, não foi a Thaís que ganhou uma medalha, foi o país. E poder fazer parte disso é algo muito significativo. Poder subir no pódio e ouvir o hino do Brasil tocando e a bandeira subindo, é a parte que mais me emociona. É algo que, de certo modo, nos deixa muito felizes. Poder levar uma imagem do Brasil

pra fora. Às vezes as pessoas olham pra cá e veem várias barbaridades que acontecem, e acham que o Brasil é esse conjunto de coisas ruins. Mas nós temos muito mais pra mostrar pra quem é de fora. Além de carnaval, além de futebol. Nós somos um povo quente, digamos assim. Acho que isso é bem legal.

6:41 O esporte transforma várias áreas na tua vida, não é só, necessariamente a parte física. Toda sua parte psicológica, mental, que tá envolvida nisso, ela também é transformada. Você começa a enxergar as coisas de uma forma diferente. O esporte ele transforma. Transforma não só o teu corpo, mas a sua mente.

7:18 Cartela (fundo branco e letra preta)

O alvo de Thaís

Roteiro e produção: Matheus De Luca

Captação e edição: Paulo Roberto Mendes

Acervo digital: archerytv

Logo UniCeUB